

COSMOPOLÍTICA COM MARIA: UM CONVITE À VIDA MULTIESPÉCIE, À INCOMPLETUDE, À FRICÇÃO E AO PARENTESCO

COSMOPOLITICS WITH MARIA: AN INVITATION TO MULTISPECIES LIFE, INCOMPLETENESS, FRICTION, AND KINSHIP

Emanuely Miranda
Labjor-UNICAMP

Resumo

Com o objetivo de atender ao chamado de Krenak (2022) e Susana Dias (2020), este trabalho busca escapar da centralidade e excepcionalidade humana a fim de ativar uma narrativa e um modo de viver junto que leve em conta e, sobretudo, leve a sério a dimensão cósmica e coletiva de nossas existências. Para tanto, esta escrita se desenrola poeticamente e filosoficamente em torno da chegada de Maria ao apartamento cinquenta e quatro. Nesse sentido, este trabalho se insere na seara dos estudos multiespécies, tendo Donna Haraway (2021) e Juliana Fausto (2020) como filósofas basilares, que ajudam a compreender como a convivência entre uma gata e uma humana pode contar outras histórias e ativar uma escrita em compromisso com uma cosmopolítica que assume a incompletude, fala a verdade sobre os problemas e se desafia tanto à fricção quanto ao parentesco.

Palavras-chave:

Espécies companheiras; estudos multiespécies; confluência; fricção; cosmopolítica.

Abstract

Aiming to heed the call of Krenak (2022) and Susana Dias (2020), this work seeks to escape human centrality and exceptionality in order to activate a narrative and a way of living together that takes into account and, above all, takes seriously the cosmic and collective dimension of our existences. To this end, this writing unfolds poetically and philosophically around Maria's arrival at apartment fifty-four. In this sense, this work is situated within the field of multispecies studies, with Donna Haraway (2021) and Juliana Fausto (2020) as foundational philosophers, who help to understand how the coexistence between a cat and a human can tell other stories and activate a writing committed to a cosmopolitics that embraces incompleteness, speaks the truth about problems, and challenges both friction and kinship.

Keywords:

Companion species; multispecies studies; confluence; friction; cosmopolitics.

INTRODUÇÃO

Não sei se pagar um aluguel é suficiente o bastante para transformar algo em casa. No entanto, após assinar alguns papéis em dezembro de dois mil e vinte e três e, então, escolher uma data para pagar um boleto todo mês, o apartamento cinquenta e quatro do quinto andar veio a ser o lugar onde eu teria liberdade para lavar a louça mais tarde, onde eu penduraria o espelho que herdei da minha avó, onde eu receberia quem amo.

Aos poucos, os cômodos vazios e brancos começaram a ganhar volumes, cores, temperaturas, texturas e movimentos. As cadeiras da mesa de jantar, que já foram tão desgastadas por mudanças, bambearam desengonçadamente quando sentamos nelas. A estante ficou cheia de livros com lombadas coloridas e letras maiúsculas. O sofá ocupou um terço da largura da sala e se tornou um convite enorme para sentar e assistir novelas. Tudo parecia estar em seu lugar. Imaginei os dias que estavam por vir na casa que se tornava nossa e sorri confortavelmente. Tirando o chuveiro que precisa de conserto ou substituição, não sentia a necessidade de acrescentar, tirar ou mudar nada. E assim foi até abril de dois mil e vinte quatro.

Na manhã do dia vinte e nove de abril, meu companheiro avisou sobre uma pequena gata deixada na frente da escola onde ele trabalha. No primeiro momento, hesitei e disse que não era uma possibilidade trazê-la para nossa casa, mas não resisti quando ele enviou uma foto de seus olhinhos vesgos. Pensei por alguns minutos e cedi. Meu companheiro voltou para casa de noite com ela nos braços e nos arriscamos a chamá-la de Maria. A partir de então, o apartamento cinquenta e quatro do quinto andar também se tornou dela.

A chegada de Maria à minha casa foi um acontecimento cósmico que me expôs ao desafio e à beleza de uma vida vivida em companhia, de uma história experimentada, vivida, tecida, fabulada e, agora, também escrita. No livro *Cosmopolíticas dos Animais*, a filósofa Juliana Fausto (2020) também narra seu encontro com os gatos e a gata que vieram a ser seus parceiros e sua parceira:

Bruxo, Batatinha e Nausicaa. Escapando de romantizações, problematizando questões destes tempos e experimentando vínculos entre espécies, inclusive na escrita, ela percebe que os animais a interpelaram cosmopoliticamente e a levaram a conceber - juntamente com eles - uma filosofia que extrapola as determinações forjadas e totalizadas pelo humano.

Inspirado nas experimentações filosóficas de Fausto (2020) e compreendendo o termo "cosmopolítica" como uma proposição que se inicia com a autora Isabelle Stengers (2018), bem como disposto a se engajar com a filosofia de outros autores e autoras que se atentam à dimensão multiespécie e cósmica (e que em breve chegarão a este texto), este trabalho se disponibiliza a compor uma escrita que nasce da relação e na relação, bem como a investigar como a convivência entre mim e Maria no apartamento cinquenta e quatro pode estimular uma cocriação entre seres nestes tempos, o que ela dá a ver filosoficamente e quais são suas movimentações ontoepistemológicas.

Não me interesso por instrumentalizar nosso encontro e me comprometo a tentar desviar disso. O objetivo aqui consiste em escrever cruamente sobre quem éramos, quem nos tornamos e quem podemos vir a ser. Para tanto, a convocação para a coautoria deste texto, onde misturamos narrativas poéticas sobre nossa convivência desde o dia um até elaborações teóricas sobre a vida multiespécie em companhia de referências. Compreendendo a escrita como um jeito de viver, como defende Sales (2024), nos desafiamos a vivê-la juntas.



Figura 1 - Maria no topo da estante de livros. Fotografias de Emanuely Miranda, 2025.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

METODOLOGIA: ESPÉCIES COMPANHEIRAS

No livro *Futuro Ancestral*, o filósofo Ailton Krenak (2022) alerta para o fato de que deflagramos narrativas que orbitam ao redor da centralidade daquilo que veio a ser chamado de humanidade. Dias (2020) vai em caminho semelhante ao apontar para a excepcionalidade que determinamos para nossas próprias existências e nossos próprios pensamentos. “[...] vivemos tempos em que o antropocentrismo continua em plena atividade e alimenta produções e lógicas demasiado humanas, cognitivas, em que somente nos encontramos e identificamos com nós mesmos” (Dias, 2020, p. 92).

Fausto (2020) também tem algo a dizer sobre: para ela, a filosofia se fixou unicamente no homem. Nesse caso, torna-se pertinente perceber que a autora escolheu dizer homem e não humano. Quer dizer que, além de uma excepcionalidade especista, há uma determinação de gênero perpassando nossas narrativas, nossos pensamentos, nossas produções, nossas escritas.

Ainda no livro *Futuro Ancestral*, Krenak (2022) fala que toda essa centralidade, em torno sobretudo do humano homem, nos leva a calar as demais presenças que partilham o

cosmos conosco. Em livro anterior, intitulado *Ideias para adiar o fim do mundo*, Krenak (2020) caracteriza a humanidade como um clube que se apegue a uma noção estabilizada do que é humano. Trata-se de um clube seletivo, homogêneo, geralmente masculino e racialmente demarcado que, de acordo com suas palavras, vai se alienando cada vez mais da terra/Terra. Para ele, isso estaria nos levando a um cerceamento de nossa criatividade.

No entanto, em tempos nos quais nossas possibilidades parecem se esgotar cada vez mais, precisamos de criatividade para inventar e escrever jeitos possíveis de estar aqui, tanto agora quanto depois, respirar um pouco mais e levar nossas vidas adiante com alguma dignidade e, quem sabe, alguma alegria. Mas como fazer isso se nos alienamos dentro de nós mesmos e não enxergamos tudo aquilo que pulsa ao nosso lado?

Torna-se urgente se desviar da aversão ao cosmos sobre a qual Bispo (2023) nos adverte fortemente. “A cosmofoobia é a mesma coisa que o pecado original” (Bispo, 2023, p. 27). Para o autor, ao pecar, a humanidade se desconectou da terra/Terra e parou de ver a si mesma como animal. No entanto, a despeito disso, somos cosmos, coletivamente e irrefutavelmente. “Eu

não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza” (Krenak, 2020, p. 16).

A invenção de mundos e a afirmação de vidas passam pela necessidade de nos percebermos e nos escrevermos coletivamente e cosmicamente. É exatamente por esse motivo que este trabalho se aproxima dos estudos multiespécies. Nessa seara, Donna Haraway (2000, 2019, 2021, 2022) é um nome que desponta com muita força e muita intencionalidade. Desde o Manifesto Ciborgue, ela se mostra interessada por ultrapassar as bordas da humanidade e pensar a existência para além daquilo que refletimos no espelho.

Na ocasião, dedicou-se a pensar a partir do ciborgue que, de acordo com suas palavras, seria um ser híbrido, juntando a máquina e a carne em si mesma. A autora se desafiou ao esforço de afrouxar tensões muito cristalizadas e dicotomizadas entre natureza e cultura. “O ciborgue aparece como mito precisamente onde a fronteira entre o humano e o animal é transgredida” (Haraway, 2000, p. 41).

Mais adiante, no livro *Manifesto das espécies companheiras*, ela diz que compreende o ciborgue como uma parte de uma “família queer” composta por outros distintos seres. Nesse livro, escrito em conexão com sua cachorra, a autora segue questionando a dicotomia entre natureza e cultura, propondo então que falemos em “naturezas-culturas”. No hífen e no plural que surgem, há o indício ou, quem sabe, um apelo para um vínculo entre pluralidades.

Numa escrita após a outra, Haraway (2000, 2019, 2021, 2022) elabora cada vez mais uma dimensão cósmica. Não lhe interessa apenas respirar ao lado de uma gata, um cachorro ou um pombo. Na verdade, interessa-lhe olhar dentro dos olhos de outro ser e, para usar as palavras de Fausto (2020), lhe interpelar e ser interpelada por ele. “Viver com animais, habitar suas/nossas histórias, tentar contar a verdade sobre relacionamentos, coabitar uma história ativa: esse é o trabalho das espécies companheiras” (Haraway, 2021, p. 27-28).

No livro *Quando as Espécies se encontram*, Haraway (2022) convoca para transfeições

e interseccionalidades, admitindo que ela mesma não existiria se não houvesse um conjunto de fungos e bactérias lhe compondo e lhe tornando. “Ser um é sempre devir com muitos” (Haraway, 2022, p. 10).

Nesse sentido, Evando Nascimento (2021) garante que a solidão, no fim das contas, não se sustenta. Estar junto e colaborar são ações incontornáveis para quem deseja viver. Estamos inescapavelmente emaranhados e conectados. A tentativa estúpida de nos desvencilharmos uns dos outros decorre em catástrofes.

Noutras palavras, querendo ou não, convivemos todos, indivíduos orgânicos e inorgânicos: vivemos-com, nos relacionando todo o tempo com as alteridades próximas ou distantes. O mais isolado dos humanos ou dos viventes animais ou vegetais convive com espécies e coisas que lhes são, ao mesmo tempo, alheias e vizinhas, dependendo delas para sobreviver (Nascimento, 2021, p. 24).

Ainda é preciso dizer que conviver, como diz Nascimento (2021), ou devir com, como diz Haraway (2022), implica em levar a existência da espécie companheira a sério, considerando-a tão digna e tão ativa quanto a nossa. Não é à toa que, em seu livro, Nascimento (2021) se dedica a escrever com as plantas e deslocá-las do lugar de inspirações ou ilustrações para então compreendê-las como agentes que atuam na cena mundana conosco.

Diante de tudo isso, recorrer à metodologia das espécies companheiras não significa apenas tê-la como ferramenta de investigação sobre a convivência entre mim e Maria, mas também me responsabiliza a não hierarquizá-la como menos moradora do apartamento cinquenta e quatro do que eu e a chamá-la para escrever junto a mim. Responsabilizo-me ainda por assumi-la como autora da cosmopolítica que se faz aqui, como produtora ontoepistemológica, como artista e filósofa,

como criatura e criadora que manifesta seus saberes e suas práticas no cotidiano e o torna mais suportável e mais possível. Isso tem a ver com aquilo que Sales (2024) observa no texto de Haraway (2019): “Inspirar em narrativas reais tecidas em emaranhados multiespécies para forjar estórias, para brincar com os corpos e com as palavras” (Sales, 2024, p. 218).

Assim sendo, esta escrita busca escapar da excepcionalidade humana e aposta na mirada com carinho em direção a uma relação multiespécie como uma prática de sensibilidade e criatividade que produz texto, perspectiva e vida. Escrever estas palavras jamais seria possível sem a chegada de Maria. Foi o nosso encontro que deu material e movimento para tudo que se torna palavra e episteme aqui: meus olhos de mel fitando seus olhinhos vesgos; suas patas saltando em direção aos meus pés; seu pelo encostando em minha pele; seus passos atravessando portas que decidimos escancarar uma para a outra.

Com esse objetivo, me aproprio das palavras de Fausto (2020) para dizer que busco me envolver criativamente com Maria e me tornar com ela, para que contemos e cultivemos juntas nossa história, dando a ver as movimentações filosóficas do nosso cotidiano neste texto. Em sua companhia, tentarei abrir mão de um pouco do que acho que sei. Não de tudo, mas de um pouco ou, quem sabe, de um tanto. “[...] experimento modos de relações nos quais os animais outros que humanos tenham a oportunidade de, existindo politicamente, ajudar a pensar de modo diferente e a efetivamente cultivar em conjunto” (Fausto, 2020, p. 14).

O PROBLEMA DE ASSUMIR A COMPLETUDE

Já éramos uma família multiespécie antes mesmo da chegada de Maria ao apartamento cinquenta e quatro. Eu, meu companheiro e as plantas que povoam nossos cômodos. Logo na entrada, há uma Espada de Santa Bárbara abrindo os caminhos para quem entra e abençoando os caminhos para quem sai. Assumia, portanto, que a casa estava completa.

No entanto, há um gravíssimo problema ético em pressupor a completude. Quando olhamos para algo e o entendemos como completo, encerramos suas possibilidades de se tornar e o fixamos, estabilizamos, determinamos seu fim, em todos os sentidos. Classificamos-o como um fato - o que, para Haraway, tem a ver com algo dado. “Um fato é participio, passado, uma coisa feita, finda, fixada, exibida, performada, realizada” (Haraway, 2021, p. 27).

É preciso dizer ainda que a noção de fato se aproxima da noção problemática e colonizadora de verdade. Quando os europeus invadiram terras em distintas partes do mundo, assumiam a si mesmos como portadores de algo irrefutável, racional e suficiente. De acordo com Krenak (2020), havia a premissa de que eles precisavam levar uma suposta luz para os demais povos. Isso os autorizou a cometer violências dos mais variados tipos. “Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história” (Krenak, 2020, p. 11).

Assumir a casa - ou qualquer outro lugar-tempo-algo-povo-acontecimento - unicamente como fato equivale a uma escolha tão limitada quanto limitante. Equivale também a findar conexões que poderiam vir a acontecer, a se fechar definitivamente para a criatividade, a se comprometer com pressupostos e a deixar de imaginar.

No livro *Esperança Feminista*, Débora Diniz e Ivone Gebara (2022) defendem a importância de imaginar. Para elas, a conjugação desse verbo nos leva a vivenciar encontros, forças e poesias. Enquanto Diniz (2022) defende a imaginação como ferramenta para encantar o mundo, Gebara (2022) a deseja ardentemente como potência de invenção.

Gosto da palavra imaginar. Ela é mãe da poesia. Precisa daquilo que não existe para afirmar mais coisas do que aquilo que já existe. É expressão da produção criativa da vida, necessária quando queremos ir para além

dela, como se quiséssemos enfeitá-la com nosso arte, com sonhos, com invenções nem sempre boas, sem dúvidas, mas invenções, que embelezam ou até enfeiam o cotidiano (Gebara, 2022, p. 50).

Gebara (2022) prossegue dizendo que a imaginação vai nos ajudar a conceber mundos melhores, mais possíveis e mais bonitos, para todos os seres do cosmos. Assim sendo, o ato de imaginar parece ter íntima conexão com outro ato para o qual Haraway (2019) nos convoca: fabular. A filósofa não recusa os fatos, mas propõe desestabilizar o significado em torno deles e pensá-los juntamente com as ficções que, de acordo com suas palavras, nos permitem modelar e desviar. É exatamente na bela contaminação entre ambos que surge aquilo que Haraway (2019) experimenta chamar de fabulação especulativa.

As ficções são brechas fabulativas, nas quais cocriamos e vivenciamos histórias para além da dicotomia entre natureza e cultura que a humanidade forjou. Fabular decorre em imaginar e inventar, mas também em se relacionar e se disponibilizar.

Procuro por narrativas reais que sejam também fabulações especulativas e realismos especulativos. Nestas estórias, os jogadores multiespécies, entramados em traduções parciais e imperfeitas através da diferença, refazem os modos de viver e morrer sintonizados com um florescimento finito ainda possível, com a recuperação ainda possível (Haraway, 2019, p. 32).

Diante disso, ainda preciso trazer Tim Ingold (2012) à tona. Consigo sentir uma sincronia filosófica entre praticar a fabulação especulativa e transformar os objetos em coisas. Para o filósofo, um objeto é um fato que se apresenta consumado a nós. A coisa, no entanto, é um acontecer. “Ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam” (Ingold, 2012, p. 29).

A chegada de Maria só se tornou possível quando deixei de olhar o apartamento cinquenta e quatro como objeto de morar e comecei a compreendê-lo como coisa fabulativa que aciona acontecimentos múltiplos, inclusive este texto. Lá, os acontecimentos estão acontecendo: toda vez que chove e a janela fica aberta, a chuva molha o lençol da minha cama no canto direito; quando sobra algum pão de sal do café da manhã, as formigas costumam se juntar em torno dele e o escavam com pequenos buraquinhos; a luz do amanhecer se derrama de um jeito calmo e quente sobre a manta verde que cobre o sofá. E embora alguns desses acontecimentos se repitam vez ou outra, nas idas e vindas do cotidiano, nunca são exatamente os mesmos. Nunca estão dados. São fatos e ficções se desenrolando, envolvendo a mim e aos seres com os quais partilho a existência, e ativando uma cosmopolítica que funciona de modo interessante e criativo entre aquelas paredes. Maria chegou para ser parte de tudo isso.

Nosso encontro nos instigou a pensar a completude como um risco à criação de futuros e a incentivar a fabulação como modo de criar relações e histórias, como esta que aqui se desenrola.

O CONVITE AO TOQUE, À FRICÇÃO

Depois de me esforçar para me abrir à incompletude, esbarrei em um novo desafio: tocar e ser tocada. Talvez, como uma reprodução das separações dicotômicas e hierárquicas entre o humano e o mais que humano, sentia medo de me aproximar demasiadamente de alguns animais em muitos momentos. Quando Maria chegou ao apartamento cinquenta e quatro, surpreendentemente, ela foi um deles.

Nas manhãs, assim que acordava, demorava uns dez minutos para ter coragem de sair do quarto, porque temia meu encontro com ela. Remoía cenas da minha infância que me assustavam e sentia medo especificamente dos pequeninos saltos que ela dava em direção aos meus pés. Mesmo que estivesse sentindo calor, colocava meias grossas para impedir que ela entrasse em contato direto com eles.

Relembrando os nossos primeiros dias de convivência, sou levada a reconhecer tudo isso como muito irônico, ou até mesmo como incoerente. Digo isso, pois recentemente, ao escrever um capítulo para o livro *Morada Floresta*, mencionei - a partir de Ingold (2015) - a relação dos pés com o toque.

No livro *Estar Vivo*, o filósofo faz uma reflexão antropológica sobre o percurso histórico dos nossos pés. Ele reflete sobre a interferência dos sapatos na nossa relação com o chão e critica, por exemplo, o momento em que as pessoas ricas e europeias do século XVII deixaram de caminhar. Aos poucos, assimilando os transportes cada vez mais ao nosso cotidiano, fomos interrompendo nossas caminhadas.

Para Ingold (2015), isso pode ser entendido como um problema, pois ele percebe as caminhadas como uma forma de conhecer. "Caminhar é, em si mesmo, uma forma de conhecimento ambulatória" (Ingold, 2015, p. 118). O antropólogo defende que precisamos andar pelas coisas e senti-las. Trata-se portanto de, como ele diz no título do capítulo em questão do livro mencionado, perceber o mundo através dos nossos pés. Isso pressupõe que estejamos em contato com o chão. Há a dimensão do toque fortemente envolvida.

Já eu, no capítulo em que escrevi, fiz coro com ele. "Ter intermediários entre nosso tato e a terra/Terra implica em uma imensa fragilidade e um intransponível isolamento que fortalecem a dicotomia entre natureza e cultura, entre o humano e o mais que humano" (Miranda, 2024, p. 40). Na ocasião, mencionei as caminhadas como acontecimentos espirituais que nos levam a uma conexão cósmica.

Bom, de fato ainda mantenho o coro, mas indago a mim mesma: porque defendi o toque entre os pés e o chão, mas hesitei em vivenciar o toque entre meus pés e Maria, que não representava perigo algum para mim? Há muitas possibilidades de respostas para essa pergunta (algumas que me absolvem e outras que me encurralam), mas preciso reconhecer que meus pés, o chão e Maria são igualmente cosmos.

Krenak (2020) vai nesse sentido e diz que tudo é cosmos. E mais: alerta para o fato de que insistimos em nos desvencilhar dele. Essa insistência se manifesta de muitas formas, inclusive através da nossa negação ao toque. Chamamos a terra de sujeira, tememos os pombos nas ruas e muitas vezes mantemos mais relações por telas do que por olhos e peles. Esse modo esterilizado de viver tem a ver com aquilo que o próprio Krenak (2022) chama posteriormente de educação sanitária.

Propondo desvios para fora do desvencilhamento cósmico, Krenak (2020) traz à tona uma palavra que, de algum modo, acessa a dimensão do toque: fricção. É preciso tocar e friccionar não apenas nossos pés, mas também nossos afetos e pensamentos, vendo o que pode o contato entre eles, percebendo o que podemos escrever quando os juntamos. Os atritos nos levam a prazeres e os deslizos culminam em intimidades. "É importante vivenciar a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros" (Krenak, 2020, p. 27).



Figura 2 - Maria no sofá tomando sol. Fotografia de Emanuely Miranda, 2025.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Hoje em dia, quando caminhamos pelo apartamento cinquenta e quatro, dispensei as meias grossas. Eu e Maria ainda estamos compondo uma

existência coletiva, mas já consigo colocar meus pés disponíveis ao toque dela e, assim, aprendo a percebê-la, vinculando-me a ela desde o tato e trazendo nossa fricção até aqui. Cultivamos reciprocidade e intimidade numa cosmopolítica que se dá numa relação entre corpos, entre a materialidade de quem somos e de quem tentamos nos tornar. Engajamos pelos, peles e calores em trocas cotidianas, potentes e criativas.

Para além de dar pequenos saltos em direção aos meus pés, Maria se coloca entre o sofá e a manta verde que o cobre. Sinto seu corpo pequeno fazer um volume quente na minha lombar enquanto vejo novela. Ela se mexe e eu me mexo. Estamos descobrindo jeitos de nos friccionarmos uma na outra e nos movimentarmos juntas pelo tempo, pelo espaço, por essas palavras.

Nesse sentido, a defesa do tato chega a este texto, porque ela me convocou ao toque primeiro, sendo portanto algo de sua autoria. Foi ela quem me propôs esse movimento como um gesto ontológico e artístico que nos aproxima, nos entrelaça e nos compõe.

SEGUIR COM O PROBLEMA, EM PARENTESCO E CONFLUÊNCIA

Na escrita de Fausto (2020), há algo que me comove: sua honestidade. Ela reconhece que, a despeito de suas boas intenções, ainda há uma relação assimétrica entre humanos e não humanos debaixo de seu teto. “Aqui, posso mais que eles. Não quer dizer que não possam nada, mas que não estamos uns diante dos outros em termos de igualdade total – o que seria isso aliás?” (Fausto, 2020, p. 27).

Essa assimetria se manifesta por aqui também, desde o gesto de nomeação, através do qual eu e meu companheiro – com base em vontades nossas – escolhemos o nome de Maria, até os limites de metros quadrados que ela vive no apartamento cinquenta e quatro, passando por outras tantas escolhas que fazemos sobre a vida dela e sobre as quais ela não tem autonomia: o que come, quem vamos ou não receber dentro de casa. Essas questões

também são observadas por Fausto (2020) em sua relação com Bruxo, Batatinha e Nausicaa. É preciso olhar para esse problema a fim de compreender o que pode ser feito com ele e apesar dele.

Nesse sentido, seguindo a leitura da escrita de Fausto e tentando responder à pergunta que finalizou a última citação, me parece que recusar ou, pelo menos, questionar o termo da adoção é uma boa aposta. Uma boa maneira de começar. Fausto o compreende como um vocabulário que habita um campo semântico que vem a ser significado pela humanidade. “[...] não me parece suficiente, pois o percebo contaminado por uma concepção exclusivamente humana de parentesco e uma relação estanque com os animais: eles sempre infantilizados diante da maioridade adulta” (Fausto, 2020, p. 30).

Então, qual seria um parentesco potente que nos interessa na construção de uma cosmopolítica que se dá entre espécies? No livro *Ficar com o problema*, Haraway (2019) fala sobre a importância de fazer parentes nestes tempos. Mais especificamente no último capítulo, onde escreve uma ficção científica, defende a importância das colaborações e das vinculações, levando-as às últimas consequências. Lá, conta a história de Camille, uma simbiote que resulta do entrelaçamento entre a espécie humana e a borboleta-monarca. Sua existência se desenrola no contexto de comunidades que tentam uma recuperação mundana e, para isso, apostam na cocriação de seres. “O trabalho dessas comunidades, portanto, era e é a feitura intencional de parentesco, em meio a danos profundos e à diferença significativa” (Haraway, 2019, p. 212).

Em capítulo anterior, ela comenta que, geralmente, a noção de parentesco chega com pressupostos dados, como a genealogia, por exemplo. No entanto, sua proposta tenta ultrapassar isso. Haraway (2019) parece estar interessada em aliança, em afetação, em interferência e em modificação. Trata-se de uma vida multiespécie que, para além da convivência, altera os seres envolvidos para que eles experimentem, juntos e juntas,

possibilidades de existência contaminadas e criativas em um mundo profundamente degradado.

Os tantos séculos de separação entre natureza e cultura nos levaram à degradação e aos problemas que estão aqui conosco, entre nós, constituindo e complexando nossas relações, bem como culminando naquilo que Sales (2024) entende como aprendizados permeados por uma certa tragicidade que se dá, na melhor das possibilidades, como consequência da arte de “viver e morrer com”. Tal arte, como Sales expõe em seu texto, nos força a notar os limites de todas as ordens, com os quais precisamos inescapavelmente lidar, cedo ou tarde. Ele mesmo narra a lida com a vida e a morte de uma gatinha que morava na mesma rua que ele e que um dia foi covardemente atropelada por um motorista tão degradado que sequer lhe prestou socorro. “A minha vida se tecia com a da Gatinha Colorida também e, naquele momento, com a sua morte” (Sales, 2024, p. 227).

Não se trata, portanto, de prometer uma salvação para todos os seres e de uma hora para outra habitar um paraíso romantizado e celeste onde não há degradações, conflitos ou limites para a vida. Nesse sentido, parece interessante aquilo que Anna Tsing (2019) sugere: descobrir um jeito de viver entre ruínas.

A filósofa não nos chama para dissolver as ruínas, mas sim para ocupá-las. “Ocupar é dedicar-se ao trabalho de vivermos juntos, mesmo que as possibilidades estejam contra nós” (Tsing, 2019, p. 86). Vivermos juntos passa pela necessidade de nos atentarmos à dimensão multiespécie e à complexidade nada óbvia que nos emaranha, investindo no parentesco que podemos vir a cultivar em meio ao problema da degradação e apesar dele. Nesse sentido, Sales (2024) conta que, na ocasião da morte da gatinha de sua rua, se viu nela. De algum modo, ainda que estivessem ambos arruinados, cada um a seu modo, se fizeram parentes.

De fato, desde que Maria chegou ao apartamento cinquenta e quatro, me percebi implicada em uma relação que é mais complexa

do que romântica ou óbvia. Escrever este texto, trazendo-a para cá nomeando como coautora de uma narrativa e de uma filosofia, sem um consentimento explícito seu é mais um gesto que, de algum modo, manifesta uma hierarquia. Preciso diariamente levar a sério nossas diferenças, encarar os problemas que nos envolvem, ajustar a partilha do espaço e do tempo, testar o nosso parentesco, reconhecer que há limites que nos ultrapassam, cocriar uma cosmopolítica que não é minha nem dela, mas que se articula conosco e em nós, misturando-nos.

Arrisco-me a pensar que fazer parentes pode ser uma maneira de experimentar a confluência, para a qual Bispo (2023) nos convoca. Escapando da cosmofobia, o filósofo sugere que confluamos. “Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende” (Bispo, 2023, p. 15). Em outras palavras, a gente não se destitui. A gente se constitui.

Fazer parentes e confluir são gestos que importam nestes tempos. Trata-se de escapar da individualidade neoliberal e investir numa coletividade atenta aos problemas, sendo honesta com eles e sobretudo disposta a viver em alteridade e adaptações no âmbito do comum. Trata-se ainda de criar jeitos para estarmos juntos e juntas. Esses jeitos não são mais espontâneos. Vivenciamos séculos e mais séculos de afastamento exponencial dos demais seres, forças e coisas. É preciso, então, inventá-los. Se necessário, até mesmo forçá-los. Aqui, eu e Maria expomos um pouco de nossos esforços e de reverberações filosóficas que deles decorreram, sendo cocriadas tanto por mim quanto por ela.

CONCLUSÃO

Sempre tive o hábito de escrever em cômodos fechados. Gosto da concentração que o silêncio me proporciona. Agora mesmo, enquanto digitava essas palavras, meu companheiro surgiu de repente para fechar a porta que, em sua opinião, eu havia esquecido aberta. Ele ouviu o barulho das teclas do computador lá

da sala e veio me ajudar. Sorri diante de sua bondade e disse que não precisava dessa vez, pois deixar a porta aberta enquanto escrevo este artigo faz parte de meu método. Na verdade, começou a fazer ao longo da escrita.

Fui percebendo que não fazia sentido trabalhar com a metodologia das espécies companheiras e ficar trancada no escritório. Pensei ser necessário que Maria tivesse acesso a mim e eu tivesse acesso a ela. Vez ou outra, num respiro entre vírgulas, olho para trás e a encontro deitada no sofá que fica atrás de mim. Ou então, quando estou concentrada, tomo um susto ao perceber uma textura felpuda serpenteando entre meus pés. Nossas miradas e nossas fricções foram se revelando e se afirmando como intervenções necessárias para conceber o texto e, acima de tudo, senti-lo.



Figura 3 - Maria debaixo da manta enquanto a autora escreve. Fotografia de Emanuely Miranda, 2025.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Embora Maria nem sempre venha ao escritório e nem sempre se aconchege no sofá, me forço a estar disponível para isso. Deixar a porta aberta me parece um posicionamento político a ser praticado e um movimento ontoepistemológico que muito importa.

No final dos capítulos de seu livro, Fausto (2020) sempre tenta responder à seguinte pergunta: o que é política? A noção de coabitação é algo que aparece e reaparece com muita força. Em uma das suas tentativas de resposta, a autora experimenta dizer que a política se trata de um conjunto múltiplo de modos de coabitar. Logo, assim sendo, toda política seria inescapavelmente uma cosmopolítica, pois necessariamente se articula na dimensão coletiva. Nesse caso, importa compreender que a dimensão coletiva não envolve ou pelo menos não deveria envolver apenas a multiplicidade da humanidade. É preciso compreendê-la também como uma potência multiespécie e cósmica que precisa de portas abertas para acontecer.

Coabitar é, dizendo de maneira crua, viver junto, em comunhão e em diversidade. Quando eu e Maria começamos a partilhar as nossas vidas e conceber nossa cosmopolítica, me percebi desafiada e, ao mesmo tempo, estimulada a encarar os problemas e as diferenças, bem como a me colocar disponível para, juntamente com ela, inventar uma relação bonita, forte e nossa que, neste momento, se materializa em um texto igualmente bonito, forte e nosso.

Para além de ser um posicionamento político, deixar a porta aberta é um gesto cosmopolítico de disponibilidade e intencionalidade que eu e Maria praticamos e que diz sobre a coabitação e a incompletude, pois há o que saia e há o que chegue à coisa fabulativa onde partilhamos o tempo, o espaço e a existência. Diz ainda sobre o esforço para escapar da cosmofobia e se colocar disponível à fricção, à confluência e ao parentesco entre uma humana e uma gata.

REFERÊNCIAS

BISPO, Antônio. **A Terra dá, a Terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

DINIZ, Débora; GEBARA; Ivone. **Esperança Feminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

DIAS, Susana. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. **ClimaCom**, v.7, n.17, 2020. Disponível em: <<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

FAUSTO, Juliana. **A cosmopolítica dos animais**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue**: Antropologia do Ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HARAWAY, Donna. **O Manifesto das Espécies Companheiras**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu, 2022.

HARAWAY, Donna. **Seguir con el Problema**. Bilbao: Consonni, 2019.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, v.18, n.37, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/?lang=pt>>. Acesso em: 12 mar. 2025.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: Ensaio sobre Movimento, Conhecimento e Descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NASCIMENTO, Evando. **O Pensamento Vegetal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

RIBEIRO, Alessandra, MIRANDA, Emanuely; PESTANA, Fernanda; MAUS, Lillian; MARIN, Segifredo; DIAS, Susana; SALES, Tiago. **Morada Floresta**. Campinas: Unicamp, 2024. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2024/11/Morada_Floresta-versao_final.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SALES, Tiago Amaral. Viver e morrer com: trágicas aprendizagens multiespécies e modos de dizer adeus. **Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales**, La Plata, v.11, n.2, parte I, p. 213-240, 2024. Disponível em: <<https://revistaleca.org/index.php/leca/issue/view/22>>. Acesso em: 20 nov. 2025.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n.69, p. 442-464, 2018. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/rieb/article/view/145663>>. Acesso em: 19 mai. 2026.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

SOBRE A AUTORA

Emanuely Miranda é doutoranda e mestra em Divulgação Científica e Cultural pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Labjor-UNICAMP), jornalista da *Revista Climacom* e pesquisadora do Grupo Multitão e da Rede Latino-americana de Divulgação Científica e Cultural. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-6372-0708>>. E-mail: emanuelymiranda.em@gmail.com

Recebido em: 22/4/2025

Aprovado em: 30/12/2025